

## A TEORIA DE CLASSES DE MARX E WEBER UMA BREVE ANÁLISE CRÍTICA-COMPARATIVA

Simone Wolff\*

### RESUMO:

A categoria "Classes Sociais" é uma das categorias mais clássicas das Ciências Sociais e por isso mesmo é uma discussão sempre presente, de uma maneira ou de outra, dentro das análises sociológicas, tanto mais pelo fato de não termos fórmulas fechadas a esse respeito. Isto quer dizer que tal conceito nunca se esgota e a reflexão sobre o mesmo é um exercício constante que todo Sociólogo deve se impor de maneira a manter-se atualizado e reciclado sobre algo tão eminentemente sociológico. Sendo assim, o objetivo desse ensaio é exatamente o de exercitar o pensamento a respeito de uma das categorias-chave das Ciências Sociais, elaborando uma discussão crítica e, na medida do possível, comparativa, da teoria de classes sociais em Karl Mars e Max Weber, dois teóricos também clássicos e de fundamental importância para a ciência da sociedade.

### ABSTRACT:

"Social classes" is one of the most classical categories within Social Sciences. As such, it is present in most sociological analysis and there is no closed formula to deal with it, which means that such concept is never fully covered and a reflection upon it is a constant exercise to the sociologist. Therefore, the goal of essay is to exercise the thought about one of the key categories of social sciences, elaborating a critical and, as best as possible, comparative discussion of the category of social classes by Karl Marx and Max Weber, two theorists classical and essential to social sciences.

**UNITERMOS:** classes sociais, ciências sociais

---

\* Docente do Departamento de Informática do Centro de Estudos Superiores de Londrina - CESULON

## INTRODUÇÃO

O presente ensaio visa a fornecer algumas considerações sobre aspectos relevantes do conceito de classes sociais em Marx e em Weber. Dada a impossibilidade de conciliar ambas as teorias, começaremos por expor as categorias marxianas essenciais e, em seguida, relacionaremos as de Weber, procurando fazer, num terceiro momento, uma análise crítica-comparativa entre as duas. Dentre as categorias escolhidas para este estudo estão as definições de Teoria e Método, a delimitação do conceito propriamente dito assim como sua matriz geradora e, ainda, o papel exercido pela historicidade em ambas as teorias. Cumpre-nos esclarecer que as argumentações não prosseguirão necessariamente nesta ordem, pois, visto que uma pressupõe a outra fica muito difícil esquematizá-las de forma tão sistemática. No decorrer deste estudo, respaldar-nos-emos basicamente em dois autores, quais sejam, SEDI HIRANO e ANTHONY GIDDENS, por entender que suas interpretações são as que melhor captam a complexidade destes dois teóricos tão controversos e relevantes para as Ciências Sociais.

## MARX

O principal legado da teoria de Marx é, sem dúvida, sua contundente ruptura com as demais correntes sociológicas em todos os sentidos. Podemos dizer, mesmo, que Marx foi um divisor de águas no pensamento social. O alto nível de abstração de suas formulações vinculado à uma leitura dialética intrinsecamente ligada às práticas sociais - e, até então, jamais levada em conta dentro das ciências humanas -, assim como seu enfoque no processo produtivo, levaram boa parte de seus seguidores a recorrer para esquematismos simplistas, amarrando sua teoria a um determinismo econômico em tempo algum pretendido por Marx. Na verdade, o que acontece é exatamente o oposto, isto é, Marx simplesmente nunca apresentou uma teoria acabada. Aliás, nem poderia ser diferente, visto que dentro de uma perspectiva dialética fórmulas acabadas, inalteráveis não existem. No que diz respeito ao conceito de classes sociais, esta verificação se faz ainda mais evidente, pois em toda sua obra não se encontra nenhuma definição e sentido exato sobre o mesmo.

A constatação da esfera da produção como elemento fundamental na determinação de seus conceitos representou, na verdade, o grande avanço analítico-metodológico de Marx. "Daí a sua crítica às formas de socialismo dirigidas para assegurar alguma espécie de 'justiça distributiva' na sociedade, ... tais modalidades de socialismo estão baseadas em falsas premissas, porque negligenciam o fato essencial de que a distribuição é, em última instância, governada pelo sistema de produção." (GIDDENS, 1975:31). Deste modo, em relação às classes sociais, propriamente ditas, o principal aspecto orientador para sua definição é o fato de que a mesma constitui-se com o "(...) surgimento do modo de produção capitalista moderno, Estado Moderno, propriedade privada, divisão social do trabalho racionalmente desenvolvida, modo de apropriação do trabalho e dos instrumentos de trabalho (ou seja, meios de produção) e trabalho assalariado." (HIRANO, 1974:67). As classes que emanam desta nova estrutura são, basicamente, duas e caracterizam-se, em última análise, pela posse ou não dos meios de produção. Assim, a classe detentora dos meios de produção é denominada por Marx de Burguesia e a classe despossuída dos mesmos é o Proletariado. Nota-se claramente

o antagonismo destas duas classes, pois, apesar de ambas serem constituintes de um mesmo sistema, possuem realidades totalmente diferentes. Ou seja, por um lado a burguesia explora o proletariado para retirar o excedente da produção que lhe garante a existência, de outro lado o proletariado, que vende sua força de trabalho e seu tempo social como única forma de garantir sua subsistência. Percebe-se assim, que, apesar destas duas classes dependerem uma da outra para reproduzir-se, sua relação é eminentemente antagonica e contraditória, gerando um conflito latente no sistema em que estão inseridas.

No entender de Marx, o acirramento do conflito inerente ao modo de produção capitalista leva a uma luta de classes que, para ele, é o grande agente motor e propulsor da História, responsável pela sua transformação. É por isso que a historicidade é fator fundamental não só para a análise das classes sociais, mas em toda análise social que se propõe marxista. Isto porque Marx parte do geral para buscar o particular, ou seja, suas investigações sempre levam em conta a totalidade da estrutura social para compreender suas particularidades. Deste modo, na metodologia marxista, o devido entendimento da realidade social só é obtido mediante a observação de todas as instâncias que compõem sua estrutura, isto é, a social, a política e a econômica. Neste contexto, as classes sociais, enquanto integrantes de uma mesma estrutura social historicamente determinada, são transitórias: "(...) o referencial básico de Marx é sempre a produção social de uma dada sociedade, historicamente determinada; e categorias explicativas são sempre categorias históricas e transitórias tal como o é uma dada formação social" (HIRANO, 1974:84).

Entretanto, se a luta de classes vincula-se, num primeiro momento, ao econômico, sua prática revela-se social e política também. Isto porque "O controle dos meios de produção produz o controle político. Aqui, a divisão dicotômica de classes é uma divisão tanto de propriedade quanto de poder: traçar as linhas de exploração econômica numa sociedade é descobrir a chave para a compreensão das relações de super e subordinação que se aplicam dentro daquela sociedade. Assim, as classes expressam uma relação não só entre 'exploradores e explorados' mas também entre 'opressores e oprimidos'." (GIDDENS, 1975:32).

Deste modo, a classe dominante luta pela sua manutenção enquanto a outra luta pela sua emancipação. Mas isto ocorre apenas quando o proletariado toma consciência de sua posição, é neste momento que ele deixa de ser uma classe no "nível econômico" ou em si, para transformar-se numa classe no "nível político" ou para si. (CUEVA, 1974:06). Por isso a questão da consciência é tão importante na elaboração das classes sociais, pois somente por meio desta que os integrantes da classe oprimida tomam conhecimento de que não estão isolados em seus ideais, inferindo seus interesses comuns. "Os diferentes indivíduos somente formam uma classe enquanto se vêem obrigados a sustentar uma luta comum contra outra classe, e, além disso, enfrentam-se reciprocamente, hostilmente, no plano da concorrência." (HIRANO, 1974 : 89). Portanto, "(...) a consciência de classe, para Marx, é uma consciência histórica, enquanto produto de condições histórico-sociais determinadas e os indivíduos de classes determinadas que a manifestam são sujeitos concretos que conseguem apreender teoricamente o movimento da sociedade com seus conflitos e tensões como uma totalidade articulada."

(HIRANO, 1974:123).

## WEBER

Antes de entrar na concepção weberiana de classes propriamente dita faz-se necessário apresentar, ainda que de modo limitado, suas conceituações básicas e epistemológicas. Ao contrário da teoria de Marx, o conceito de classes em Weber não está imbricado em uma dada totalidade onde todos os componentes se interrelacionam, ficando inviável explicá-los separadamente. A realidade de Weber é caótica e fragmentária, para entendê-la é preciso agrupar os elementos mais eminentes e relevantes para um dado objetivo pretendido. Assim, a apreensão da totalidade em Weber é absolutamente inviável. Deste modo, é impossível explicitar seu conceito de classes, sem que se tenha antes uma noção do seu arcabouço teórico.

Weber, na construção de sua teoria social, mostra-nos a importância do fato de que cada nação, cada cultura, possui valores diferentes. Assim, o que pode ser importante para uma determinada cultura, pode não ser para outra. É por isso que a sua Sociologia, apesar de toda importância dada à História, é tida como **a-histórica** - ao contrário da análise marxiana onde a historicidade é fundamental para o entendimento da realidade social. Este, inclusive, é o principal fator divergente entre a metodologia weberiana e a do Materialismo Histórico de Marx. Para Weber, uma sucessão de fatos históricos não faz sentido por si mesmo. Todo historiador, na sua concepção, trabalha com dados esparsos e fragmentários. Sendo assim, ele não considera a História como uma ciência.

Deste modo, o autor em tela propõe um método **compreensivo** para a análise da realidade social, que não é mais do que um esforço interpretativo do passado e de sua repercussão nas características peculiares das sociedades contemporâneas. Segundo Weber, é essa atitude de compreensão que permite ao cientista atribuir aos fatos esparsos um sentido social e histórico. Percebe-se que, para ele, cada pesquisa é particular, e o todo é inacessível. Sempre e em qualquer tempo a realidade é individual, numa infinita diversidade histórica. Assim, opunha-se às totalidades em favor do conhecimento particular; às generalidades em favor do específico. Ele jamais crê ter apanhado a realidade no seu fundamento íntimo. É somente no interior dos processos grupais que subjaz o fator que vem a ser a principal causa das formações e da dinâmica social. Por isso seu método ser considerado a-histórico, posto que sua teoria vale para qualquer época e situação. Esta excessiva generalidade pressupõe uma certa **imobilidade** onde os conflitos são simplesmente desprezados.

Assim, enquanto para Weber as classes trazem um certo equilíbrio no interior da sociedade, para Marx ocorre justamente o contrário, isto é, as mesmas pressupõem um antagonismo e conflito inerente ao modo de produção, só resolvido por meio de uma revolução.

Para auxiliá-lo em suas investigações sociológicas, Weber desenvolveu um valioso instrumento de análise, a saber, o "**Tipo Ideal**". Este não pode ser visto como uma lei, mas sim como uma hipótese, um ponto de partida para se estudar um fato social concreto. Deste modo, o "Tipo Ideal" é uma abstração que permite definir certos fenômenos através de um ou vários de seus múltiplos aspectos. A riqueza das visões de Weber repousa sobre a construção dos "Tipos Ideais" que se revelam fecundos para o

conhecimento do concreto real. É por meio desta idéia que se compreendem as ações dos indivíduos, divididas racionais e irracionalmente. Contudo, para cada caso Weber aferiu a distância entre "Tipo Ideal" e realidade empírica. O "Tipo Ideal" é utópico, ou seja, distancia-se da realidade de valores.

Sob este prisma, as relações sociais são vistas como uma troca recíproca de ação. O conteúdo e sentido das relações sociais referem-se a uma concepção de honra e um estilo de vida de seus agentes; são os indivíduos que vão motivar seu diferenciamento dentro da sociedade em que vivem. Encontramos, assim, três ordens de relações sociais: ordem econômica - referente ao mercado; ordem social - referente à honra e ao estilo de vida; ordem político/jurídica - referente à apropriação e luta pelo poder. Estes conceitos relacionam-se da seguinte maneira: Partido - ordem político/jurídica; Estamento - ordem social; Classe - ordem econômica.

Agora já é possível compreender em que termos Weber coloca as classes no universo social. Para ele, as classes inserem-se na esfera econômica e são determinadas pela sua situação no mercado, ou seja, pela oportunidade que um grupo de indivíduos tem dentro do mercado. Esta oportunidade pode estender-se, ainda, para o acesso ou não à renda. Como no caso das relações sociais, Weber distingue três ordens em que as classes vão influir: a dimensão jurídico-política, a dimensão social e a dimensão econômica. A primeira delas relaciona-se diretamente com a questão do poder, tanto político como jurídico, e é determinada pela posse de propriedade e provisão de bens. Neste âmbito, as classes podem ser **positivamente privilegiadas**, isto é, aqueles que vivem de renda e/ou que detem um exclusivo acesso à compra de bens de consumo de alto preço; e as classes **negativamente privilegiadas**, aqueles despossuídos destas condições. A segunda ordem - a dimensão social -, possui um sentido pessoal. Assim, os fatores que vão definí-la são os méritos que seus membros alcançam culturalmente, politicamente, mentalmente, ou seja, em termos qualitativos na escala social. No que se refere à terceira ordem, isto é, a econômica, o que vai determinar as classes é o modo pelo qual adquirem bens. Nesta dimensão também existe uma dicotomia: a **classe lucrativa positivamente privilegiada**, que se fundamenta na produção objetivando o lucro (empresários, grandes comerciantes, industriais, etc.); e a **classe lucrativa negativamente privilegiada**, composta, de um modo geral, daqueles que trabalham no setor produtivo, sejam eles qualificados, semi-qualificados ou não qualificados.

É importante ressaltar, que todo este complexo de composições insere-se na metodologia do "Tipo Ideal", podendo assim, resultar em diversas composições dependendo do momento e da perspectiva em que são vistos: "(...) na medida em que esta ou aquela forma de ação social é uma questão de probabilidade, jogar com alternativas de sucessão e formação de uma nova configuração social, é pressuposto válido dentro da concepção weberiana." (HIRANO, 1974:125/126). Vemos assim, que "a noção de classe social em Weber, é importante porque introduz um tema unificador na diversidade de relações de classe seccionadas que podem se originar da identificação que Weber faz de 'situação de classe' com 'posição de mercado'. Se se aplicar estritamente essa última noção, é possível distinguir uma multiplicidade quase sem fim de situações de classe. Mas uma 'classe social' só existe quando essas situações de classe agrupam-se de tal forma que criam um nexo comum de intercâmbio social entre os indivíduos." (GIDDENS, 1975:54). Daí Weber também associar consciência de classe

com os idênticos interesses das mesmas, mas num sentido completamente diverso de Marx. Enquanto para Marx, os interesses comuns de uma classe social podem levar a uma **transformação** da estrutura social, para Weber, estes mesmos interesses conduzem a sociedade a um progresso. A nosso ver, estas duas terminologias são, de certa forma, sociologicamente incompatíveis, visto que progresso pressupõe evolução (inserindo-se teoricamente na epistemologia positivista) e transformação pressupõe revolução (inserindo-se na epistemologia dialética).

## CONCLUSÃO

A questão da probabilidade, abordada anteriormente, é um dos principais fatores que vai desviar, de forma decisiva, a concepção de classes de Weber da de Marx. Muito embora haja uma relativa concordância de Weber em relação a Marx no que diz respeito à vinculação do fenômeno das classes com o advento do capitalismo moderno, ela rapidamente se desfaz quando se analisam os pressupostos de cada um. "A chave estrutural para a interpretação das formações sociais é, para Marx, a produção social historicamente determinada. Para Weber, a ação social e relação social, sendo o ponto de partida a primeira." (HIRANO, 1974:128).

Assim, apesar de Weber estar em consonância com as análises de Marx no que diz respeito aos fenômenos culturais e sociais, desde o aspecto particular de sua determinação e sua relevância econômica, tinha profundas restrições quanto à demasiada ênfase materialista das teses marxianas. O que ele questiona realmente, é a questão da primazia do fator econômico sobre as demais instâncias. Sendo assim, ao explicar a economia pela situação de mercado, Weber não pretendeu refutar incondicionalmente o Materialismo Histórico. O que quis demonstrar é que a atividade econômica pode ser orientada pelo sistema de valores, tanto quanto o sistema de valores pode ser comandado, num dado momento, pelo sistema econômico. "Weber não nega que a operação do mercado capitalista, se deixado a funcionar de um modo irrestrito, atua no sentido de favorecer as condições materiais do capital. Mas a transformação dessa situação, não pode fornecer os meios para a transformação total da sociedade desejada por Marx." (GIDDENS, 1975:59).

Compreende-se, portanto, porque é tão fundamental, no estudo das classes sociais, ter-se conhecimento de ambas as teorias. O conhecimento da teoria weberiana e da teoria marxiana, independente de opções políticas e ideológicas, permite-nos obter uma visão mais ampla e completa de um conceito tão ambíguo e, talvez por isso, tão equivocadamente utilizado pelo senso-comum. Somente, pois, munido destes dois instrumentais, brilhantemente elaborados e alicerçados, o sociólogo poderá encontrar-se em condições de combater e esclarecer as discrepâncias da opinião pública o que, aliás, é uma das funções primeiras do cientista social.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

- CUEVA, Augustin, "A Concepção Marxista das Classes Sociais". In: Revista Debate e Crítica nº 3 - Jul, 1974.
- GIDDENS, Anthony. A Estrutura de Classes das Sociedade Avançadas. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. "A Teoria de Classes de Marx".
- \_\_\_\_\_ A Estrutura de Classes das Sociedades Avançadas. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. "A Crítica Weberiana".
- HIRANO, Sedi, Castas, Estamentos e Classes Sociais - Introdução ao Pensamento Marxista. São Paulo: Alfa-Ômega, 1974. "Classes Sociais: Da Monarquia Absoluta ao Capitalismo Moderno".

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- FREUND, Julien. Sociologia de Max Weber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.
- LOWY, Michael. Método Dialético e Teoria Política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- PEREIRA, Luiz. Ensaio de Sociologia do Desenvolvimento. São Paulo: Pioneira, 1975.
- ZEITLIN, Irving. Ideologia y Teoria Sociologica. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1973.